

Desafios e perspectivas para uma teologia contextual

Challenges and perspectives for a contextual theology

Francisco de Aquino Júnior¹

Resumo

A consciência do caráter contextual de toda teologia é bastante recente na história da teologia. Ela surge e se desenvolve na segunda metade do século XX com as teologias da libertação na América Latina, com as teologias africanas e asiáticas, com as teologias negras e feministas. A própria expressão teologia contextual foi muito utilizada para se referir a essas teologias, como se as demais teologias não fossem igualmente contextuais. Partindo da explicitação do caráter contextual de toda teologia e de provocações teológico-pastorais do papa Francisco, o artigo aborda alguns desafios e perspectivas para uma teologia contextual hoje. Isto é, uma teologia que se enfrente teologicamente com a realidade atual, que assuma os modos de saber e as linguagens próprias de nosso tempo e que leve a sério o caráter pastoral-evangelizador de toda teologia. Trata-se de um artigo de caráter reflexivo, apoiado em pesquisa bibliográfica.

Palavras-chave

Teologia contextual. Papa Francisco. Realidade. Linguagem. Pastoral.

Abstract

The awareness of the contextual character of all theology is relatively recent in the history of theology. It emerged and developed in the second half of the 20th century with liberation theologies in Latin America, with African and Asian theologies, with black and feminist theologies. The very expression contextual theology was widely used to refer to these theologies, as if other theologies were not equally contextual. Starting from the explanation of the contextual character of all theology and the theological-pastoral provocations of pope Francis, this article addresses some challenges and perspectives for a contextual theology today. That is, a theology that theologically confronts today's reality, that assumes the ways of knowing and the languages of our time and that takes seriously the pastoral-evangelizing character of all theology. This is a reflective article based on bibliographical research.

Keywords

Contextual theology. Pope Francis. Reality. Language. Pastoral.

INTRODUÇÃO

Toda teologia é contextual. Tem calendário e geografia. Enquanto inteligência da fé e serviço intelectual à fé, a teologia tem sempre a marca do contexto sociocultural e eclesial em que a fé é vivida e pensada. O contexto tanto limita (condicionamentos) quanto possibilita (possibilidades) o fazer teológico, já que o exercício intelectual é sempre mediado por formas de apreensão e expressão, por mentalidades ou esquemas mentais e por linguagens. E isso varia muito de contexto para contexto. Daí a pluralidade de teologias e de formas de fazer teologia que

¹ Doutor em Teologia pela Westfälische Wilhelms-Universität Münster. Mestre e bacharel em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). Licenciado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-doutorado em Teologia na FAJE. Professor do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Contato: axejun@yahoo.com.br.

encontramos ao longo da história da Igreja – expressão autêntica e fecunda da catolicidade da fé vivida, celebrada e pensada.

Mas se toda teologia é contextual, a *consciência* dessa contextualidade fundamental da teologia e do fazer teológico é algo relativamente recente na teologia. É fruto da reflexão crítica do fazer teológico, desenvolvida de modo particular na América Latina na segunda metade do século XX. Está ligada, não simplesmente à *reflexão crítica* do fazer teológico, mas a um *fazer teológico concreto* que se enfrenta de modo consciente e consequente com seu contexto vital e reconhece e explicita seu caráter contextual. Só aos poucos, e não sem tensões, foi se impondo a consciência dessa contextualidade fundamental de toda teologia. Mas nem de longe é uma questão resolvida. Daí a necessidade de se enfrentar teórica e teologicamente com essa problemática, sobretudo, num contexto de profundas transformações como o que vivemos atualmente.

Começaremos nossa reflexão problematizando e explicitando o caráter contextual de toda teologia. Em seguida, destacaremos com Francisco alguns desafios e perspectivas para um fazer teológico que tome em sério o contexto atual em que vivemos.

1 CARÁTER CONTEXTUAL DE TODA TEOLOGIA

Nunca é demais insistir no caráter contextual de *toda* teologia. Por mais que se tenha discutido e escrito sobre isso nas últimas décadas, nem de longe é uma questão resolvida e consensual. Nem sequer entre aqueles(as) que, em princípio, admitem alguma ligação da teologia com o contexto em que foi desenvolvida. O fato de admitir que toda teologia é feita num tempo e lugar concretos e por pessoas concretas não implica necessariamente reconhecer a contextualidade fundamental de toda teologia. Parece uma espécie de *esquizofrenia* epistemológico-teológica. Por um lado, situa a teologia num contexto bem concreto (tempo, espaço, situação, sujeito etc.). Por outro lado, desvincula de tal modo a teologia desse contexto concreto que acaba parecendo algo completamente independente dele (assunto, modo de tratamento, linguagem). É como se, uma vez feita, a teologia pudesse ser descontextualizada.

Por traz dessa *esquizofrenia* epistemológico-teológica encontram-se duas razões que, embora distintas, estão de tal modo vinculadas que não raramente se confundem. 1) Uma razão de ordem estritamente epistemológica que diz respeito ao problema do saber e da verdade. É como se a afirmação do caráter contextual da teologia comprometesse a objetividade, a universalidade e a veracidade dessa teologia. Está em jogo aqui uma compreensão de inteligência que não toma a sério o caráter histórico do saber e de sua veracidade. Do ponto de vista estritamente teológico, está em jogo uma compreensão de inteligência que não toma em sério a condição criatural e o princípio da encarnação no âmbito do saber humano e, concretamente, na epistemologia teológica.

2) Uma razão de ordem mais propriamente ideológica que diz respeito à pretensão – nem sempre confessada – de superioridade e de colonialismo nunca completamente superada nas formas clássicas e oficiais de fazer teologia e mesmo em muitas teologias europeias modernas. Não se trataria apenas de teologias diversas e diferentes, mas de teologias superiores e inferiores.

O reconhecimento do caráter contextual de toda teologia comprometeria a pretensão *a priori* de superioridade dessas teologias (objetividade e universalidade) em relação às chamadas teologias contextuais (particulares e parciais).

Essa dupla razão dificulta/impede muita gente assumir de modo consequente o caráter contextual de toda teologia, ao mesmo tempo que justifica e promove racionalmente (em nome da verdade!) essa postura. Ela pode aparecer de forma mais explícita e direta ou de forma mais implícita e sutil. Chama atenção o fato da expressão *teologia contextual* ser usada, muitas vezes, sobretudo entre teólogos europeus, para se referir às teologias desenvolvidas na América Latina, na África e na Ásia, bem como às teologias feministas, negras, indígenas etc., como se as demais teologias (todas!) não fossem também e de modo estrito teologias contextuais (Chappin, 2017, p. 810-814; Pontifícia Comissão Bíblica, 1994, p. 74-82; Sesboué, 2020, p. 60-62). Por mais que a consciência dessa contextualidade fundamental de toda teologia tenha se desenvolvido nessas teologias e a partir delas (Gibellini, 2012, p. 447-485; 546-554), diz respeito a toda e qualquer teologia (Goldstein, 1991, p. 47; Schreiter, 1998, p. 1-5). Não existe teologia não contextual. Toda teologia é contextual: tenha ou não consciência desse fato; assuma ou não esse fato de modo reflexo e consequente. Isso “faz parte da natureza mesma da teologia” e, por isso, impõe-se cada vez mais como “imperativo teológico” (Bevans, 2004, p. 21).

Um nome emblemático nesse debate é o teólogo dominicano Edward Schillebeeckx. Se no início da década de 1970 ele causava espanto a Juan Luis Segundo por pensar e afirmar que “a teologia nunca pode ser ideológica porque não é senão a aplicação da palavra divina à realidade presente”, parecendo “crer ingenuamente que a palavra de Deus se aplica às realidades humanas no interior de um laboratório imune a todas as tendências e lutas ideológicas do presente” (Segundo, 1978, p. 9-10), afirmará posteriormente sem meias palavras o caráter contextual de toda teologia, reconhecendo e destacando a importância fundamental da teologia da libertação nessa problemática:

Antes se aceitava que a teologia da Igreja do Ocidente fosse naturalmente suprarregional, universalmente válida e imediatamente acessível para qualquer pessoa – independentemente de qual cultura provenha. Mas depois, a partir do surgimento da teologia da libertação na América Latina, por exemplo, os/as teólogos/as do Ocidente perceberam que sua própria teologia apresenta semelhantes condicionamentos culturais como qualquer outra. Sua teologia é também, enfim, uma teologia “regional” que procura anunciar o Evangelho precisamente a partir do contexto social e cultural Ocidental (Schillebeeckx, 1992, p. 8).

Essa contextualidade da teologia está intrinsecamente ligada à *realidade* que ela procura apreender, expressar, compreender, teorizar: ação salvadora de Deus, reinado de Deus, revelação e fé, pouco importa aqui a expressão utilizada. A teologia não trata de Deus sem mais, de modo abstrato e genérico, independentemente de uma experiência, relação ou fé concreta. Trata de Deus, sim, mas sempre a partir de uma fé concreta, encarnada na realidade. No caso específico da teologia cristã, a referência fundamental e permanente é a vida-práxis de Jesus de Nazaré. Ele

é o autor e o realizador da fé (Hb 12,2). A partir d'Ele vamos discernindo os sinais da presença e ação salvadora de Deus na história. Ela se concretiza de modos diversos em contextos diversos. Tem um caráter contextual fundamental. A salvação ou o reinado de Deus, de que trata a teologia, é inseparável do contexto em que se realiza. Foi assim com Jesus, como testemunham os relatos evangélicos. Foi assim ao longo da história, como testemunha a melhor e mais autêntica teologia da Igreja. E continua assim hoje. Não é jamais uma salvação genérica, abstrata, amorfa. É sempre uma salvação real e concreta, histórica, contextual, encarnada. Isso faz de toda teologia uma teologia contextual, isto é, uma teologia que se enfrenta com contextos muito concretos, procurando apreender e expressar – de muitas formas – a realização da salvação ou do reinado de Deus nesses contextos.

Mas a contextualidade da teologia tem a ver também com o *exercício intelectual* que a caracteriza, enquanto apreensão, expressão, compreensão e teorização da salvação ou do reinado de Deus. Há muitos modos e formas de inteligência. A inteligência se dá sempre numa cultura concreta que a condiciona (negativamente) e a possibilita (positivamente). Como bem adverte Antônio González, o conhecimento é sempre “relativo à cultura e à língua” e aos “distintos grupos sociais”; “longe de ser algo neutro, igual para todos os homens, o conhecimento é uma capacidade humana submetida às vicissitudes do tempo, da cultura, da história etc.” (González, 2005, p. 48). Isso vale tanto para os modos de apreensão quanto para os modos de expressão. Há uma forma mais dualista de saber (ou, ou) e há uma forma mais integral de saber (tanto, como). Há um saber de caráter mais experiencial-narrativo e há um saber de caráter mais teórico-conceitual. Há formas de pensar regidas pelo paradigma da natureza (essência permanente e imutável) e há formas de pensar regidas por um paradigma histórico (apropriação e criação de possibilidades). Convém destacar com Zubiri a “unidade intrínseca, profunda e radical” entre “expressão” e “mente”, uma vez que “o dizer não é apenas um dizer ‘algo’, mas um dizer de ‘alguma maneira’” (Zubiri, 1985, p. 345). E convém recordar com Wittgenstein que “o falar uma língua é parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (Wittgenstein, 2003, § 23).

Trata-se, antes de tudo, de um *fato* que se pode verificar e comprovar sem maiores dificuldades na história da teologia. Uma simples comparação entre as teologias bíblicas, patrísticas, escolásticas e modernas é suficiente para constatar a variedade de teologias e de formas de fazer teologia na história da Igreja. E uma abordagem mais atenta e crítica dessas teologias ajudará perceber como elas estão profundamente ligadas ao contexto eclesial e sociocultural em que foram desenvolvidas (Congar, 1964, p. 341-447; Forte, 1991, p. 71-123; Boff, 1998, p. 626-641): seja no que diz respeito aos problemas ou assuntos abordados; seja no que se refere aos modos de inteligência, isto é, apreensão, expressão, linguagem. Não se pode compreender a teologia bíblica independentemente do modo semítico de saber-conhecer (Boff, 1998, p. 188-192), como não se pode compreender a teologia ocidental independentemente do modo grego de conhecimento. Tampouco se pode compreender as teologias populares

independentemente da sabedoria popular. Os problemas teológicos e as formas teológicas estão muito mais ligados ao contexto eclesial e sociocultural do que se costuma pensar.

Está em jogo, aqui, em última instância, um *princípio epistemológico e teológico* do saber/conhecimento humano. Por mais irreduzível que seja, o exercício intelectual é inseparável da vida humana concreta. Tem a ver com o modo humano de se enfrentar com as coisas. É um momento ou dimensão da vida humana. Enquanto tal, é condicionado e possibilitado pelo contexto em que se desenvolve: situações, mentalidades, linguagens etc. Tem um caráter contextual fundamental. Do ponto de vista estritamente teológico, está em jogo aqui a condição criatural e o princípio da encarnação no âmbito do saber humano em geral e do fazer teológico, em particular. Isso adverte contra a tentação/ilusão de um conhecimento imediato e absoluto. Convida a reconhecer a condição contingente e limitada da vida e do saber humanos. Provoca uma postura mais humilde de busca, diálogo, abertura. E faz compreender a contextualidade da teologia, não apenas como condicionamento negativo (limites, fraqueza), mas como possibilidade positiva (mediações teóricos-conceituais). Noutras palavras, a contextualidade não é um mal insuperável ou a ser superado, mas a forma humana de saber/conhecer.

E tudo isso tem uma dimensão pastoral-evangelizadora, ligada à missão da Igreja no mundo, como tanto insistiu o papa Francisco. Ele recorda que “uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II” e que “revolucionou, numa certa medida, o estatuto da teologia” foi o esforço por “superar o divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida” (Francisco, 2015b). Adverte os teólogos(as) a se precaverem de uma “teologia que esgota na disputa acadêmica ou que contempla a humanidade de um castelo de vidro”, a não se conformarem com uma “teologia de gabinete” nem serem “teólogo de ‘museu’ que acumula dados e informações sobre a revelação, mas que não sabem bem o que fazer com isso”. Diz que eles(as) são chamados a “viver em uma fronteira, na qual o Evangelho encontra as necessidades das pessoas” e que “os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas dos homens” (Francisco, 2015a). Reconhece que “essa abertura ao mundo, ao homem na concretude de sua situação existencial, com suas problemáticas, suas feridas, seus desafios e suas potencialidades [...] deve impelir a teologia a um repensamento epistemológico e metodológico”, constituindo-a em sentido estrito como “uma teologia fundamentalmente contextual”: a) “capaz de ler e interpretar o Evangelho nas condições em que os homens e as mulheres vivem cotidianamente, nos diversos ambientes geográficos, sociais e culturais”, b) “tendo como arquétipo a encarnação do logos eterno, a sua entrada na cultura, na visão do mundo e na tradição religiosas de um povo” (Francisco, 2023b).

Tudo isso ajuda compreender o *estatuto contextual de toda teologia*. Ele tem a ver com a contextualidade da salvação ou reinado de Deus (assunto da teologia), do exercício intelectual (formas de apreensão e expressão, linguagens) e da missão evangelizadora da Igreja a serviço da qual está a teologia (caráter pastoral da teologia). Ao mesmo tempo em que provoca e exige um fazer teológico que tome em sério o contexto atual em que vivemos, desenvolvendo uma teologia

à altura do nosso tempo: a) que se enfrente teologicamente com os grandes problemas e desafios do nosso tempo; b) que se formule e se expresse de modo compreensível, razoável, envolvente e convincente, segundo as formas próprias de pensar, expressar e comunicar de nosso tempo; c) que afete e mobilize os cristãos e as comunidades cristãs e o conjunto da sociedade a viverem na fraternidade, na justiça e na paz – sinal e mediação do reinado de Deus no mundo.

2 DESAFIOS E PERSPECTIVAS PARA UMA TEOLOGIA CONTEXTUAL HOJE

Tendo insistido no *caráter contextual de toda teologia*, queremos destacar com Francisco alguns desafios e perspectivas para uma *teologia contextual hoje*, isto é, uma teologia que leve a sério o contexto em que vivemos ou uma teologia encarnada em nossa realidade. Isso implica, dentre outras coisas, enfrentar-se teologicamente com a realidade atual (desafios da realidade atual), assumir os modos de saber e as linguagens próprias de nosso tempo (desafios do processo de inteligência) e tomar a sério o caráter eclesial da teologia enquanto serviço à missão evangelizadora da Igreja (desafios pastorais).

2.1 Realidade atual

Falar de uma teologia contextual *hoje* é falar de uma teologia que se enfrenta teologicamente com os grandes desafios do nosso tempo; uma teologia que não se reduz a uma espécie de arqueologia teológica nem se encerra em disputas academicistas, mas toma a sério a realidade atual no que ela tem de pecaminoso e de gracioso, constituindo-se como discernimento dos “sinais dos tempos” (GS 4, 11). Francisco insistiu muito na necessidade de uma teologia “capaz de ler e interpretar o Evangelho nas condições em que os homens e mulheres vivem cotidianamente, nos diversos ambientes geográficos, sociais e culturais” (Francisco, 2023b). Recordou que “os bons teólogos, como os bons pastores, cheiram a povo e rua e, com sua reflexão, derramam unguento e vinho nas feridas da humanidade” (Francisco, 2015a). E exortou a “retomar o caminho de uma teologia encarnada, que não surge de ideias abstratas, concebidas à mesa, mas das tristes vicissitudes da história concreta, da vida dos povos, dos símbolos das culturas [...] e do grito que brota do sofrimento físico dos pobres”; a fazer uma teologia com “cheiro de ‘carne e povo’” (Francisco, 2023a).

No que se refere à realidade atual, autores(as) de diferentes áreas têm chamado atenção para a complexidade e gravidade do momento atual. As profundas transformações que ocorreram nos últimos tempos produziram, não apenas crises pontuais ou localizadas num sistema estável e saudável, mas abalaram as bases do sistema econômico, sociopolítico, cultural e ambiental em que vivemos. Fala-se de “caótica era de incertezas”, de “convergência de crises”, de “policrise” e “mudança de época” etc.

O historiador Paulo Fagundes Visentini, por exemplo, refere-se ao início do século XXI como “caótica era de incertezas” (Visentini, 2015, p. XI): seja no que se refere aos conflitos

bélicos (antigos e novos), seja no que se refere a projetos políticos (esquerda *versus* direita), seja no que se refere à geopolítica mundial (antigos e novos atores), seja no que se refere a outros grandes problemas (desemprego, concentração de renda, meio ambiente). Aos poucos foram caindo por terra as “previsões ufanistas que assinalavam o início de uma Nova Ordem Mundial, fundada na paz, prosperidade e democracia”: a) “em lugar da paz, seguiram-se anos de guerras, conflitos civis e padrões de violência de novo tipo”; b) “a prosperidade não ocorreu, ao menos para a grande maioria das pessoas e países”; c) “a globalização [...] gerou desemprego estrutural, recessão em vários países (com retrocesso da produção industrial) e instabilidade financeira mundial, em meio à concentração de renda”; d) embora a “democracia liberal” tenha sido adotada pela maioria dos países, “o que se observa é o maior grau de despolitização e descrédito nas instituições políticas desde o advento da democracia” (Visentini, 2015, p. 141-142); e) sem falar numa série de problemas que, se não são absolutamente novos, ganharam dimensões e proporções muito maiores como os “problemas ambientais”, as “caóticas megacidades”, o “narcotráficos” etc. (Visentini, 2015, p. 146-148). Tudo isso aponta para a “crise de um modelo que foi proposto como o ‘fim da história’” (Visentini, 2015, p. 142).

O economista Ladislau Dowbor fala do contexto atual como a “era do capital improdutivo”, caracterizada por uma “nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta”. Não se trata apenas de uma crise pontual ou regional, mas “de uma convergência impressionante de tendências críticas, da sinergia de um conjunto de comportamentos até compreensíveis, mas profundamente irresponsáveis e frequentemente criminosas, que assolam nossa pequena espaçonave” (Dowbor, 2017, p. 9). Dowbor fala, aqui, da articulação de “três dinâmicas que desequilibram de maneira estrutural o desenvolvimento e a qualidade de vida no mundo” (Dowbor, 2017, p. 17): a “dinâmica ambiental”, a “desigualdade crescente” e a “esterilização dos recursos financeiros” (Dowbor, 2017, p. 17-37). Trata-se, portanto, de uma crise ambiental, social, econômica e política. Ela se manifesta no “drama ambiental”, na “tragédia social” e no “caos financeiro” (Dowbor, 2017, p. 36). O desafio maior, aqui, diz ele, consiste na superação da “disritmia sistêmica” ou do “hiato profundo” entre nossos “avanços tecnológicos” (economia global) e nossa “capacidade de convívio civilizado” (política nacional) (Dowbor, 2017, p. 9-10) e na “geração de uma nova governança” (Dowbor, 2017, p. 37) que possa “reorientar os recursos para financiar as políticas sociais destinadas a gerar uma economia inclusiva e, também, financiar a reconversão de processos de produção e de consumo que permitam reverter a destruição do meio ambiente” (Dowbor, 2017, p. 36).

E Francisco fala de “policrise” para se referir à “dramaticidade da conjuntura histórica que vivemos, onde convergem guerras, mudanças climáticas, problemas energéticos, epidemias, fenômenos migratórios e inovação tecnológica” (Francisco, 2025). Chega mesmo a falar em “mudança de época” (EG 52): “não vivemos apenas uma época de mudanças, mas uma verdadeira mudança de época, caracterizada por uma ‘crise antropológica’ e ‘socioambiental’ global” (VG

3). Chama atenção para “sintomas dum ponto de ruptura”, insiste na necessidade de “mudar o modelo de desenvolvimento global” e “redefinir o progresso”, fala da carência da “cultura necessária para enfrentar esta crise”, bem como de “lideranças que tracem caminhos” (VG 3). Suas encíclicas sociais são muito emblemáticas nesse sentido – *Laudato si’: sobre o cuidado da casa comu* (2015) e *Fratelli tutti: sobre a fraternidade e a amizade social* (2020). Sua exortação apostólica *Laudate Deum: sobre a crise climática* (2023) insiste na gravidade do problema, advertindo que podemos estar nos aproximando de um “ponto de ruptura” (LD 2). Elas abordam a crise socioambiental e político-cultural que vivemos: a) indicam sintomas e causas, b) oferecem aportes ético-espirituais para o discernimento dessa situação e c) exortam a buscar caminhos e formas de enfrentamento e superação dessas crises. E os cinco encontros internacionais com os movimentos populares indicam o caminho para a compreensão e o enfrentamento dos grandes problemas do mundo atual: a partir de baixo, das vítimas do atual sistema, dos movimentos populares.

Poderíamos destacar outros aspectos e aportes para compreender e enfrentar os grandes desafios do nosso tempo. Mas estes são suficientes para indicar a dimensão e a gravidade da crise ou das crises em que estamos metidos e que a teologia não pode ficar indiferente ou *lavar as mãos*, como se tivesse coisas mais importantes, mais urgentes e mais espirituais para cuidar... Uma teologia contextual/encarnada precisa se enfrentar teologicamente com esses problemas, contribuindo para sua compreensão e superação.

2.2 Processo de intelecção

Para abordar teologicamente os grandes desafios de nosso tempo é preciso buscar e/ou construir caminhos adequados de apreensão, compreensão e expressão dessa realidade. A complexidade da realidade atual existe um processo intelectual complexo que, sem negar nem prescindir dos saberes acumulados acerca da intelecção, seja capaz de se abrir e se adequar aos novos dinamismos e às novas configurações da realidade atual. O processo intelectual não é algo completamente independente da realidade a ser inteligida e, por essa razão, não qualquer modo de intelecção é adequado para apreender e expressar qualquer realidade. Daí que uma teologia contextual, que se enfrenta teologicamente com os grandes desafios de nosso tempo, tenha que buscar e/ou construir caminhos intelectivos adequados para sua apreensão, compreensão e expressão. Noutras palavras, a contextualidade da teologia diz respeito, não apenas à realidade a ser inteligida, mas também ao próprio processo intelectual.

Falando da *tarefa enorme e inadiável* de enfrentar os grandes desafios de nosso tempo, Francisco afirma que isso “requer, em âmbito cultural da formação acadêmica e da investigação científica, o compromisso generoso e convergente em prol duma mudança radical de paradigma” (VG 3) e que isso “deve impelir a teologia a um repensamento epistemológico e metodológico” (Francisco, 2023b). E ele mesmo destacou, em diversas ocasiões, alguns traços, exigências e desafios para um fazer teológico à altura de nosso tempo (Aquino Júnior, 2014, p. 161-182).

Embora não possamos aqui sequer esboçar de um modo mais abrangente essa problemática, vamos pelos menos destacar com Francisco alguns desafios e perspectivas de ordem intelectual-epistemológica para uma teologia contextual em nosso tempo.

1) “Sem opor teoria e prática, a reflexão teológica é instada a desenvolver-se com um método indutivo”, o que significa *partir* “dos diversos contextos e das situações concretas em que os povos estão inseridos, deixando-se interpelar seriamente pela realidade” e *tornar-se* “discernimento dos ‘sinais dos tempos’ no anúncio do evento salvífico do Deus-agape, comunicado em Jesus Cristo” (Francisco, 2023b). É o desafio de levar a sério no âmbito intelectual-epistemológico o *princípio da encarnação*: Deus se faz presente na carne/realidade e é aí que Ele pode ser encontrado e inteligido. A teologia deve, portanto, partir da realidade e constituir-se como discernimento dos “sinais dos tempos”.

2) “A teologia só pode se desenvolver em uma cultura de diálogo e encontro entre diferentes tradições e diferentes saberes, entre diferentes confissões cristãs e diferentes religiões, confrontando-se abertamente com todos, crentes e não crentes” (Francisco, 2023b); deve se constituir como um *saber transdisciplinar*, segundo o “princípio vital e intelectual da unidade do saber na distinção e respeito pelas suas múltiplas, conexas e convergentes expressões” ou como “colocação e fermentação de todos os saberes dentro do espaço de luz e vida oferecido pela sabedoria que dimana da revelação” (VG 4c). Isso impede a teologia de se “fechar na autorreferencialidade” e a insere numa “trama de relações” (Francisco, 2023b).

3) A complexidade da realidade e o processo transdisciplinar do conhecimento da realidade exigem humildade e abertura de espírito, exigem um pensamento aberto e dinâmico. Francisco chega a afirmar que “o teólogo que se compraz com um pensamento completo e concluído é um medíocre” e que “o bom teólogo e filósofo mantém um pensamento aberto, ou seja, incompleto, sempre aberto ao *maius* de Deus e da verdade, sempre em fase de desenvolvimento” (VG 3). E exigem abertura para “se valer de novas categorias elaboradas por outros saberes, a fim de pensar e comunicar as verdades da fé e transmitir o ensinamento de Jesus nas linguagens de hoje” (Francisco, 2023b).

4) Esse dinamismo de abertura, diálogo e colaboração exige e confere ao fazer teológico uma *dimensão sinodal* fundamental, no sentido de *caminhar* (abertura, processo) *juntos* (colaboração, unidade): “a sinodalidade eclesial empenha os teólogos a fazer teologia de forma sinodal, promovendo entre si a capacidade de escutar, dialogar, discernir e integrar a multiplicidade e variedade das instâncias e das contribuições” (Francisco, 2023b). Contra a tentação de privatização da teologia e de híbris no fazer teológico, é necessário insistir na sinodalidade do fazer teológico, enquanto um fazer eclesial (não privado) em espírito de comunhão e colaboração (não autossuficiente).

5) “A necessária atenção ao *status* científico da teologia não deve obscurecer sua dimensão sapiencial” que “mantém interiormente unidas em um ‘círculo sólido’ a verdade e a caridade, de modo que é impossível conhecer a verdade sem praticar a caridade”; “a razão

científica deve expandir seus limites na direção da sabedoria para que não desumanize e empobreça” (Francisco, 2023b). A insistência nessa dimensão sapiencial, contra todo cientificismo e epistemicídio, destaca o caráter prático da teologia “que se dirige misericordiosamente às feridas abertas da humanidade e da criação e dentro das dobras da história humana, para a qual profetiza a esperança de um cumprimento final” (Francisco, 2023b).

6) Por fim, nunca é demais recordar e insistir que o lugar da teologia cristã são as fronteiras e periferias do mundo, onde a boa nova do Evangelho deve tocar e curar as feridas da humanidade. Francisco insiste que “as questões do nosso povo, as suas aflições, batalhas, sonhos, lutas preocupações possuem um valor hermenêutico que não podemos ignorar, se quisermos de fato levar a sério o princípio da encarnação” (VG 5). Recordando que “a Igreja nasceu na periferia da cruz, onde se encontram tantos crucificados” e que “o caminho das periferias geográficas e existenciais é o caminho da encarnação” (Francisco, 2020, p. 131-132) indica o lugar permanente da teologia: as fronteiras e periferias do mundo.

2.3 Caráter pastoral-evangelizador da teologia

Francisco repetiu em diversas ocasiões que “uma das principais contribuições do Concílio Vaticano II foi precisamente procurar superar o divórcio entre teologia e pastoral, entre fé e vida”, chegando a afirmar que isso “revolucionou, em certa medida, o estatuto da teologia, o modo de agir e pensar crente” (VG 2). E desde o início de seu ministério apelou aos teólogos e teólogas para que “cumpram esse serviço como parte da missão salvífica da Igreja”, para que “tenham a peito a finalidade evangelizadora da Igreja e da própria teologia, e não se contentem com uma teologia de gabinete” (EG 133).

Está em jogo aqui o caráter eclesial-pastoral-evangelizador da teologia. Por mais irredutível e autônoma que seja, a teologia é inseparável da fé e da missão da Igreja (Ellacuría, 2000b, p. 235-245). Enquanto exercício intelectual, tem seu “aparto teórico” que exige “hábitos, métodos, capacidades e conhecimentos bastante específicos e desenvolvidos” (Ellacuría, 2000b, p. 241). Mas enquanto inteligência de e serviço intelectual à realização histórica da salvação ou do reinado de Deus, constitui-se como momento intelectual da fé e da missão da Igreja no mundo. Por isso mesmo, a teologia não pode ser pensada e desenvolvida independentemente do mundo em que está inserida e da missão da Igreja nesse mundo. Não é uma questão privada a gosto do teólogo e suas plateias, mas um serviço eclesial.

Isso exige dos teólogos e das teólogas “esforço de reconsiderar os grandes temas da fé cristã no âmbito de uma cultura profundamente transformada”, enfrentando-se com os grandes desafios do nosso tempo: crise ecológica, neurociências e técnicas que podem modificar o homem, desigualdades sociais, migrações, relativismo teórico e prático etc. (Francisco, 2017a). Exige tomar a sério a famosa distinção feita por João XXIII entre a “substância” do depósito da fé e a “formulação” com a qual ela é apresentada (EG 41) (Francisco, 2015b), bem como a incumbência de “não só *guardar* esse tesouro precioso, como se nos ocupássemos unicamente da

antiguidade, mas também dedicar-nos com vontade pronta e sem temor ao trabalho que o nosso tempo exige, *prosseguindo* assim o caminho que a Igreja percorre há vinte séculos” (Francisco, 2017b, grifos do autor). E, aqui, “não basta encontrar uma nova linguagem para as verdades de sempre; é necessário e urgente também que, perante os novos desafios e perspectivas que se abrem à humanidade, a Igreja possa exprimir as novidades do Evangelho que [...] ainda não vieram à luz” (Francisco, 2017b). Sem isso, “a boa nova deixa de ser nova e sobretudo boa, tornando-se uma palavra estéril, esvaziada de toda a sua força criadora, que sana e ressuscita, e pondo assim em perigo a fé das pessoas de nosso tempo” (Francisco, 2015b).

Talvez esse seja um dos maiores riscos e uma das maiores tentações da teologia em nosso tempo: abandonar o mundo atual, com seus dramas e suas buscas, no que tem de pecaminoso e de gracioso, em função de um passado que já não existe (tradicionalistas) ou em função de modismos e especulações academicistas (progressistas). De uma forma ou de outra, termina *lavando as mãos* diante dos grandes problemas e desafios da humanidade, passando à margem dos caídos à beira do caminho (Lc 10,25-37), como se tivesse coisas mais *santas*, mais atraentes ou urgentes para tratar.

Já no início dos anos 1980, o padre Pedro Arrupe, superior geral dos jesuítas, afirmava ter a impressão de que a teologia da libertação “estava perdendo o *push*, que estava se tornando demasiado acadêmica” (Ellacuría, 2000a, p. 779). Em 2000, no congresso continental de teologia, promovido pela Sociedade de Teologia e Ciências da Religião do Brasil, Jon Sobrino expressava sua preocupação com o que denominava “tendência ao docetismo” na teologia atual: “o que mais me preocupa na teologia é sua tendência ao docetismo, isto é, a criar um âmbito próprio de realidade que a distancie e a desentenda da realidade real, ali onde pecado e graça se fazem presente” e “esse docetismo, que normalmente é inconsciente, pode muito bem levar ao aburguesamento, isto é, a prescindir dos pobres e vítimas que são maioria na realidade e são a realidade mais flagrante” (Sobrino, 2000, p. 168). E, recentemente, Joaquim Jocélio, um jovem teólogo cearense, publicou um artigo muito provocativo e instigante, perguntando – para os teólogos e as teólogas mais “progressistas” – se “os pobres ainda têm lugar em nossas teologias” (Costa, 2025). Não se trata de uma pergunta retórica para atrair leitores(as), até porque isso não está na moda, mas de uma pergunta fundada na trágica constatação de que “os pobres estão sumindo de nossas teologias”. De fato, diz ele, “são raros os artigos teológicos onde a perspectiva dos pobres é a determinante. Os pobres são hoje, na melhor das hipóteses, anexos de nossas teologias” (Costa, 2025).

O ambiente social e eclesial pouco favorável ou mesmo avesso aos processos de libertação e a tentação constante ao erudicionismo e academicismo, própria do mundo acadêmico, acabou distanciando muitos teólogos(as) dos processos sociais e eclesiais, concentrando o fazer teológico no mundo dos livros e das teorias, produzindo discursos e teorias até bastante progressistas, mas desconectados dos processos socio-eclesiais. Sem falar da tentação ao modismo com suas plateias e seus *likes* que acaba relegando os pobres e marginalizados a

Desafios e perspectivas para uma teologia contextual

questões secundárias que não despertam mais interesse e, no limite, acaba produzindo uma espécie de “aporofobia” (Cortina, 2020) teológica que acaba criando indiferença ou mesmo aversão ao problema da pobreza e das condições materiais de reprodução da vida humana. É curioso como, mesmo em ambientes teológico-pastorais mais progressistas e libertadores, falar de pobreza e das condições materiais de vida causa incômodo e logo se desloca do foco para questões de gênero (mulher, pessoas LGBTQIAPN+) ou questões ambientais (Terra, mundo), como se o problema da pobreza fosse uma questão menor...

Tudo isso nos desafia a pensar e fazer teologia como parte e serviço à missão salvífica da Igreja no mundo atual – teologia com “gosto de carne e povo”, com “cheiro de povo e rua”, como saber com sabor de Evangelho, como discernimento dos “sinais dos tempos”, como serviço à humanidade sofredora...

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais que desenvolver uma teologia contextual, nosso propósito aqui era apenas problematizar a contextualidade fundamental de toda teologia e indicar alguns desafios e perspectivas para um fazer teológico que leve a sério o atual contexto em que vivemos. Tentamos, assim, explicitar uma característica ou nota da teologia e do fazer teológico e esboçar um caminho e uma agenda mínima para uma teologia contextual hoje.

Isso nos põe diante do desafio e da tarefa enormes de ajudar a Igreja a se enfrentar evangelicamente com a realidade concreta em que vivemos e contribuir, com a luz e a força do Evangelho, para que a boa notícia do reinado de Deus vá se tornando realidade em nosso mundo. E acaba produzindo um descolamento epistemológico importante na teologia e no fazer teológico, no sentido de a) partir da realidade concreta (e não do mundo das ideias), b) constituir-se como discernimento dos “sinais dos tempos” (e não como estudo de ideias e teorias), c) pondo-se a serviço dessa realidade (não de entretenimento pessoal nem de *likes* e sucesso midiáticos).

Nunca é demais insistir no caráter pastoral-evangelizador da teologia. Ela não pode estar a serviço de interesses clericais nem de entretenimento burguês, indiferentes e avessos aos dramas da humanidade sofredora e da nossa casa comum. Não aconteça que, ocupados em coisas mais *religiosas* ou mais *interessantes* e *atrativas*, tornemo-nos surdos ao *grito dos pobres e da terra* e passemos à margem do Senhor caído à beira do caminho (Lc 10,25-37), identificado com a humanidade sofredora (Mt 25,31-46). ✨

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em debate:** sobre o estatuto epistemológico da teologia. São Paulo: Paulus, 2024.

BEVANS, Steffen. **Modelos de teología contextual.** Quito: Verbo Divino, 2004.

BOFF, Clodovis. **Teoria do método teológico.** Petrópolis: Vozes, 1998.

CHAPPIN, Marcel. Em contexto. In: LATOURELLE, René; FISICHELLA, Rino. **Dicionário de teologia fundamental**. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 810-814.

CONGAR, Yves. Théologie. In: VACANT, Alfred; MANGENOT, Eugène; AMANN, Émile (Dirs.). **Dictionnaire de théologie catholique**. Paris: Latouzey et Ané, 1964. v. 15. p. 341-502.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia**. São Paulo: Contracorrente, 2020.

COSTA, Joaquim Jocélio de Sousa. Os pobres ainda têm lugar em nossas teologias? **Observatório da Evangelização**, 4 mar. 2025. Disponível em: <https://observatoriodaevangelizacao.com/os-pobres-ainda-tem-lugar-nas-nossas-teologias>. Acesso em: 9 set. 2025.

DOWBO, Ladislau. **A era do capital improdutivo: a nova arquitetura do poder, sob dominação financeira, sequestro da democracia e destruição do planeta**. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

ELLACURÍA, Ignacio. Iglesia en Centroamérica. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos teológicos II**. San Salvador: UCA, 2000a. p. 773-782.

ELLACURÍA, Ignacio. Relación teoría y praxis en la teología de la liberación. In: ELLACURÍA, Ignacio. **Escritos teológicos I**. San Salvador: UCA, 2000b. p. 235-245.

FORTE, Bruno. **A teologia como companhia, memória e profecia**. São Paulo: Paulinas, 1991.

FRANCISCO. A teologia que tem gosto de carne e de povo. **Vatican News**, 17 set. 2023a. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2023-11/teologia-prefacio-papa-francisco-livro-repensar-pensamento.html>. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. Carta do papa Francisco por ocasião do centenário da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica Argentina. **Santa Sé**, 3 mar. 2015a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2015/documents/papa-francesco_20150303_lettera-universita-cattolica-argentina.html. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. **Carta encíclica Fratelli tutti**: sobre a fraternidade e a amizade social. São Paulo: Paulinas, 2020.

FRANCISCO. **Carta encíclica Laudato si'**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015.

FRANCISCO. **Constituição apostólica Veritatis gaudium**: sobre as universidades e as faculdades eclesiais. São Paulo: Paulinas, 2018.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco à Associação Teológica Italiana. **Santa Sé**, 29 dez. 2017a. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/december/documents/papa-francesco_20171229_associazione-teologica-italiana.html. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do Catecismo da Igreja Católica promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. **Santa Sé**, 11 set. 2017b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/october/documents/papa-francesco_20171011_convegno-nuova-evangelizzazione.html. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. **Exortação apostólica Evangelii gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

Desafios e perspectivas para uma teologia contextual

FRANCISCO. **Exortação apostólica Laudate Deum:** sobre a crise climática. São Paulo: Paulinas, 2023.

FRANCISCO. Lettera apostolica in forma di “motu proprio” Ad theologiam promovendam. **Santa Sé,** 1 nov. 2023b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/motu_proprio/documents/20231101-motu-proprio-ad-theologiam-promovendam.html. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco ao Congresso Internacional de Teologia junto da Pontifícia Universidade Católica Argentina. **Santa Sé,** 3 set. 2015b. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150903_videomessaggio-teologia-buenos-aires.html. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. Mensagem do papa Francisco aos participantes da Assembleia Geral da Pontifícia Academia para a Vida. **Santa Sé,** 26 fev. 2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2025/documents/20250226-messaggio-pontificia-academia-provita.html>. Acesso em: 9 set. 2025.

FRANCISCO. **Vamos sonhar juntos:** o caminho para um futuro melhor. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

GIBELLINI, Rosino. **A teologia do século XX.** São Paulo: Loyola, 2012.

GOLDSTEIN, Horst. Dritte-welt Theologie. In: GOLDSTEIN, Horst. **Kleines Lexikon zur Theologie der Befreiung.** Düsseldorf: Patmos, 1991. p. 47-49.

GONZÁLEZ, Antonio. **Introducción a la práctica de la filosofía:** texto de iniciación. San Salvador: UCA, 2005.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A interpretação da Bíblia na Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1994.

SCHILLEBEECKX, Edward. Vorwort. In: SCHREITER, Robert. **Abschied vom Gott der Europäer:** Zur Entwicklung Regionaler Theologie. Salzburg: Anton Pustet, 1992. p. 8-10.

SCHREITER, Robert. **A nova catolicidade:** a teologia entre o global e o local. São Paulo: Loyola, 1998.

SEGUNDO, Juan Luis. **Libertação da teologia.** São Paulo: Loyola, 1978.

SESBOÜÉ, Bernard. **Introdução à teologia:** história e inteligência do dogma. São Paulo: Paulinas, 2020.

SOBRINO, Jon. Teología desde la realidad. In: SUSIN, Luiz Carlos (Org.). **O mar se abriu:** trinta anos de teologia na América Latina. São Paulo: Loyola, 2000. p. 153-170.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **O caótico século XX.** Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophische Untersuchungen.** Frankfurt am Mein: Suhrkamp, 2003.

ZUBIRI, Xavier. **Sobre la esencia.** Madrid: Alianza Editorial, 1985.

Recebido em: 17/09/2025.

Aceito em: 08/12/2025.